



e/əbu Nº30
fevereiro de 2008

Sheilla
Castro

Guilherme
Cruz

Latuya

Hamilton de
Holanda

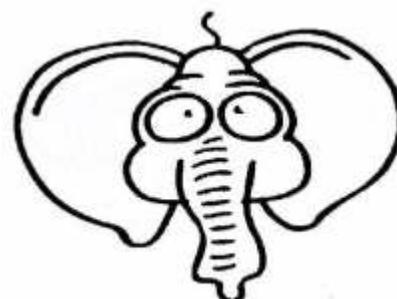
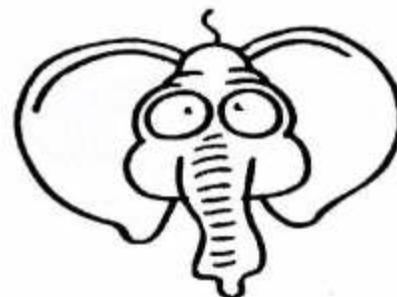
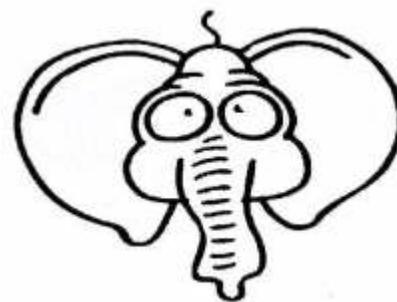
Como este ano promete ser emocionante! Mal entramos no segundo mês e já aconteceu crise norte-americana, debates acalorados entre Obama e Clinton, gente apostando quando a Amy Winehouse vai morrer para ganhar um iPod, e o Steve Jobs apresentando ao mercado o MacBook Air, o computador mais leve e fino do mundo. Só isso daí dá assunto para o ano inteiro, e olha que ainda temos Jogos Olímpicos, início da corrida presidencial no Brasil, a alta probabilidade de escândalos políticos aterradores. Sem mencionar a expectativa da próxima pérola que o ditador/comediante Hugo Chavez vai aprontar. Isso é coisa pra caramba.

E dos assuntos teoricamente mais relevantes para o Elebu estão os lançamentos prometidos e aguardados dos novos CDs de várias bandas indies, filmes geek à vontade, chegadas de séries polêmicas de quadrinhos, o primeiro disco solo do Ricardo Koctus, e muito mais.

Para provar como esse ano será movimentado, até o zine já entrou na dança, logo na primeira edição do ano que por tradição é morna cheia de coisas do ano anterior. Nós não. De cara apresentamos com um colaborador novo: o Dewis Caldas, de Cuiabá (MT). Ele é o editor do Hellcity Blog que também faz música e colabora ativamente com a cena da sua cidade, além de saber muita coisa. Dewis vinha colaborando com o zine desde o ano passado em matérias sobre festivais e ainda fazendo suas ponderações no "colunista da edição". Agora ele estréia a sessão fixa "Conexão Hellcity", onde vai falar de bandas, fazer entrevistas, matérias de festivais e o que mais der na telha.

Outra novidade é a sessão esportiva "Cinco Bolinhas" que tem o objetivo de dar destaques a atletas de várias modalidades. O nome é uma referência ao símbolo olímpico das cinco argolas entrelaçadas que representam a união dos povos dos cinco continentes. E foi a Sheilla quem fez as honras dessa estréia, ela que é atacante da atual seleção de vôlei feminino.

Isso sem mencionar que a capa da edição não é ninguém menos que Hamilton de Holanda, o melhor bandolinista do Brasil e um dos melhores do mundo. Edição de resposta para você curtir.



ELEFANTE BU N° 30

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

DIAGRAMAÇÃO "PORÃO WEB":

Washington Ribeiro

CAPA:

Foto retirada do google de autoria desconhecida e modificada no photoshop.

COLABORADORES:

Georgiana Calimeris, Leonardo de Moura, Washington Ribeiro, Dewis Caldas e Rúbica Cunha.

AGRADECIMENTOS:

Guilherme Cruz, Roberta Pinto, Sheilla Castro, Hamilton de Holanda, Marcos Portinari, Flávio Danza.

DISTRIBUIÇÃO:

Por e-mail

PARA DOWNLOAD:

<http://elefantebu.poraki.com.br>

CONTATO:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Linus & Lucy, Vince Guaraldi Trio (mas acho que gosto mais da versão do David Benoit, a Dave Matthews Band também fez uma ao vivo muito bacana. Agora uma coisa que sempre quis saber: porque o tema do Charlie Brown se chama "Linus and Lucy" e não o nome do próprio personagem?); *Foundations*, Kate Nash; *My Sweet Lord*, George Harrison; *Hey Bulldog* e *Drive My Car*, The Beatles; alguma coisa da Roberta Sá e da Vanessa da Mata que lançaram ótimos discos no ano passado; Latuya e Hamilton de Holanda, claro!

Capa/ Ziniando:

Hamilton de Holanda

Pato Fu:

Fernanda Takai

Ziniando:

Latuya

Colunista da Edição:

Guilherme Cruz

Conexão Hellcity

Prêmio Hell City

Branco ou Tinto

Felipe Dandolini

Para Ver:

June

Nos Tempos do Cólera
Desejo e Reparação

O Guia:

Peanuts

The Headmaster Ritual
A Esposa do Venesiano
Os santos de cada um
Tão longe, tão perto

Mundo Geek:

Terminator

Cinco Bolinhas:

Sheilla Castro

AAUGH!



Disco solo consagra em definitivo o estilo doce e afinado de Fernanda Takai, e a alça como uma das intérpretes mais importantes do país. E ela ainda escreveu um livro...

Djenane Arraes

Fernanda Takai é uma pessoa que te faz pensar que está próxima, como uma amiga ou parente, mesmo que você nunca a tenha visto em pessoa. Ela passa essa sensação tanto na sua postura “tô longe de ser uma diva” em cima do palco, quanto nas linhas que escreve no Estado de Minas e no Correio Braziliense. Como se não bastasse a sua “invasão” usando os jornais e o Pato Fu, ela achou ainda que tudo isso não era o suficiente e lançou no final do ano passado *Nunca Subestime Uma Mulherzinha*, uma seleção de suas crônicas e contos publicados nos diários. É que jornal vira embrulho de peixe ou de caco de vidro no dia seguinte, livro não. O dela, então, é bom demais para ter um destino trágico.

Vamos aos fatos: Fernanda Takai não é Clarisse Lispector, a escritora que lhe influenciou. Clarisse é densa, genial e complexa. Fernanda é simples e ponderada. Não faz textos geniais, e é provável que nem se preocupe com isso, mas suas palavras têm calor, sentimentos e são confidenciais. Fala de memórias, cotidiano e às vezes faz uns contos que é um fato de sua vida (mal) disfarçado. E é incrível pensar depois em como pode alguém escrever a respeito de si próprio e conseguir se preservar? Ler a Fernanda é como apreciar histórias em um blog de um amigo que você conhece e quer muito bem. Por isso mesmo que o seu livro é tão interessante e convidativo.

É como estar no conforto da sua casa e pegar a crônica que fala da importância que a professora de violão teve na vida dela. Daí você olha pro seu próprio instrumento desafinado e abandonado no canto da sala. Vêm a memória outras aulas de violão: aquelas que você fazia e pedia para o professor ensinar a tocar as músicas do Pato Fu e de outros preferidos. E o feliz encontro com o Maurício de Sousa? Fernanda disse que foi como conhecer um Beatle e você imagina que a sensação deva ser por aí mesmo. Afinal, tantos começaram a ler nos gibis da Turma da Mônica. Assim as histórias se sucedem e é preciso colocar um freio em si mesmo para não ler tudo de uma vez. É que você sabe, quando a coisa é boa a gente só sossega quando chega ao final.

Na sua descrição, a senhora Takai é mesmo uma figuraça.

Nara Leão

Fernanda não parou por aí. Ainda fez disco o solo, *Onde Brilhem os Olhos Teus* (OBOT), usando o repertório imortalizado pela Nara Leão. Agora muitas das músicas

do nosso inconsciente coletivo estão na voz dela. Culpa do Nelson Motta. Ele disse que achava a cantora mais capaz para gravar as músicas de Nara, e Fernanda fez muito bom uso da oportunidade e sugestão. O disco é excelente, superior ao *Daqui Pro Futuro* lançado no mesmo ano. A Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) teve a mesma opinião e elegeu *Onde Brilhem* o melhor de 2007.

Se você for olhar bem, vai questionar um pouco o conceito de disco solo porque metade do Pato Fu fez parte do projeto. Oras, quando alguém pretende realizar um trabalho do tipo, o natural é procurar pessoas diferentes de sua banda até para haja a distinção das coisas. Não foi o caso da Fernanda e ela até indiretamente justificou sua opção quando declarou que a atual fase do Pato Fu é a que mais a representa. A produção é de John Ulhoa (o guitarrista) e ele ainda fez os arranjos junto com o Lulu Camargo (o tecladista). O resultado foi que as sonoridades de OBOT e *Daqui Pro Futuro* ficaram próximas. É algo ruim? De forma alguma, até porque o Pato Fu vive uma fase bastante sofisticada e de muita qualidade.

Mas houve dois fatores determinantes que fez o solo sobressair ao da banda. O primeiro e mais evidente é o repertório. Por mais que Fernanda e John, principalmente, tenham crescido como compositores e feito músicas memoráveis, o ótimo deles não é igual ao de um Chico Buarque, por exemplo. Já o solo se provém de clássicos absolutos da música brasileira que levam assinatura de Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Zé Ketti, Dolores Duran, Roberto e Erasmo (na melhor fase da dupla), Chico Buarque e Caetano Veloso. Só a lindíssima *Estrada do Sol* vale pelo disco inteiro, que ainda tem as sensacionais *Insensatez* e *Luz Negra*.

O segundo fator, por incrível que pareça, é a própria Fernanda. Ela se superou no papel de intérprete. Deu nova personalidade às músicas e assim, como quem não quer nada, invadiu a MPB com perfume pop da melhor qualidade. *Onde Brilhem os Olhos Teus* no final é um trabalho que beneficiou todos os três do Pato Fu. Fernanda Takai agora é levada à sério por um público e crítica que antes torcia o nariz para o pop da sua banda. John Ulhoa e Lulu Camargo ainda se consagraram como produtor e músicos. Deve ter muita gente gráuda querendo trabalhar com eles agora.

Para os que acham que o sucesso solo vai enfraquecer a banda, o recado de Fernanda foi que o Pato Fu continua sendo sua prioridade. “Se alguém perguntar por mim, diz que fui por aí...”

dose dupla

cultura do Brasil

O bandolinista Hamilton de Holanda pode ser considerado o grande "rock star" da música instrumental brasileira pela maneira apaixonada em que apresenta. Virtuoso e genial, ele percorre o Brasil e o mundo com shows impressionantes e já dividiu o palco com gente do calibre de John Paul Jones e os músicos do Buena Vista Social Club.

Djenane Arraes

Vou contar uma pequena história. Quando recebi a confirmação da entrevista com Hamilton de Holanda, não contive a empolgação e contei a novidade para alguns amigos e para a família. Só que essas coisas são muito perigosas porque pode te deixar para baixo. O que aconteceu é que ao invés de ter uma resposta positiva dessas pessoas, elas olharam para mim com cara de interrogação. "Hamilton quem?". E eu respondia: "sabe aquele disco de chorinho que você escutou naquele churrasco lá em casa e disse que gostou muito? Lembrou né!" Não foi a primeira vez que isso aconteceu. Com o Roberto Menescal foi a mesma coisa.



discografia

Ninguém é obrigado a saber de tudo, muito menos conhecer o trabalho do Hamilton de Holanda. Mas que dá um desânimo pensar que as pessoas estão mais familiarizadas com as músicas da Hannah Montana – nada contra a menina que faz a personagem, afinal, ela está na luta pelo dela assim como tudo mundo - do que um trabalho dessa excelência, isso é verdade. Por outro lado, dá até mais vontade de ajudar a música dele a ficar em evidência, pelo menos para os que fizeram a cara de interrogação. Mas vamos por partes.

A primeira coisa que você precisa saber a respeito do Hamilton de Holanda é que esse moço é considerado um dos melhores bandolinistas do mundo. É o melhor segundo o lendário Hermeto Pascoal. A segunda coisa que você precisa saber é que como todo grande nome da música que começou em Brasília, ele nasceu no Rio de Janeiro para chegar aqui no Planalto Central ainda pequeno e mudar as coisas. Tornou-se um dos principais nomes surgidos no Clube do Choro ainda nos anos 80 e com o status de garoto prodígio. Também ajudou a fazer da capital um lugar onde o chorinho é tão forte quanto o rock.

A discografia de Hamilton começa numa parceria como irmão dele, Fernando César, no duo Dois de Ouro. Além de gravar discos independentes e premiados na cidade, o que chamava atenção é que mais do que emprestar seu famoso virtuosismo em novas leituras de obras já consagradas como *Doce de Côco*, *Tico-tico no Fubá* e *Noites Cariocas*, ou de canções populares como *Flor de Lis* e *Sampa*, ele não tinha a timidez de criar o seu próprio repertório em inéditas como *Aquarela na Quixaba*, *O Hermeto Está Brincando* e *Baião Brasil*.

Ao longo da carreira, concorreu a alguns festivais, incluindo um terceiro lugar muito contestado no Prêmio Visa (o público queria o primeiro lugar para Hamilton). Mas até ganhar na hora certa os grandes parecem saber. Quando faturou o prêmio de melhor instrumentista do Icatu-Hartford de Artes em 2001, ele teve a oportunidade de morar um ano na França para estudar e conquistar. O reconhecimento europeu de sua genialidade veio rapidinho, assim como a carreira solo e duas cordas a mais no seu bandolim. Mostrou o resultado no disco ao vivo gravado no Rio de Janeiro *01 Byte, 10 Cordas*.

Hamilton não pára não. Hoje ele faz shows

Destroçando a Macaxeira (Dois de Ouros) – indie

A Nova Cara do Velho Choro (Dois de Ouro) – indie

Dois de Ouro – Hamilton de Holanda e Fernando César (Dois de Ouro) – indie

Luz das Cordas (Marco pereira e Hamilton de Holanda) – indie/Kuarup

Abre Alas (Brasília Brasil) – Velas

Hamilton de Holanda – Velas

Música das Nuvens e do Chão – Velas

01 Byte 10 Cordas – Biscoito Fino/Brasilianos/Adventure Music

A Música de Hamilton de Holanda – indie

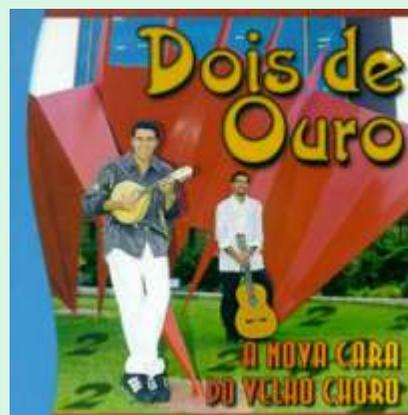
Samba do Avião - Kind of Blue (Itália)

Brasilianos (Hamilton de Holanda Quinteto) – Biscoito Fino/Brasilianos

New Words/Novas Palavras (Hamilton de Holanda e Mike Marshall) – Adventure Music (EUA)

Íntimo – Deckdisc/Brasilianos

Continua Amizade (Hamilton de Holanda e André Mehmari) – Deckdisc/Brasilianos



em parcerias, acompanhando gente, com orquestra, sozinho, em dupla e também com o seu quinteto. Com os discos é a mesma coisa, sem tempo ruim. Tem os trabalhos solos, em parcerias e também as participações especialíssimas em discos de muita gente. Uma antológica foi no da Zélia Ducan, o surpreendente *Eu Me Transformo Em Outras*, com a presença dos músicos Gabriel Grossi (gaita) e Marcos Bahia (percussão e bateria), eles que também integram o grupo Hamilton de Holanda Quinteto.

Esse moço é um gigante cuja altura é diretamente proporcional ao seu talento. E essa fera da música brasileira ainda prestigiou o Elebu numa entrevista bem bacana. Confira aí, de preferência escutando os seus discos.

Elefante Bu - "Hamilton é o melhor bandolinista do mundo". Você sente a responsabilidade da declaração do Hermeto Pascoal? Aliás, é bom ser elogiado por um músico único no mundo, não é mesmo?

Hamilton de Holanda - A responsabilidade é com a Cultura do Brasil, com a divulgação da arte brasileira e, principalmente, na evolução como ser humano. Pra mim, o Hermeto é o maior músico do mundo, mas também é um cara muito generoso e sempre faz música pensando no povo, no dia-a-dia. Isso é o que importa pra mim.

Elebu - O bandolim foi o seu primeiro instrumento musical? Como começou a sua trajetória?

Hamilton - Eu tenho a sorte de ter nascido em uma família musical. Então, minhas primeiras experiências musicais foram na barriga da minha mãe, ouvindo e sentindo meu pai tocar e cantar. Aos três, quatro anos ganhava brinquedos musicais, cornetinhas coloridas que tocavam só

uma escala, mas eu já gostava daquela coisa de tirar sons. Ganhei uma escaleta (piano de boca) e aos cinco anos, no natal de 1981, ganhei um bandolim do meu avô materno. Assim começou minha história com esse instrumento maravilhoso.

Elebu - E o choro? Foi um ritmo que te causou amor na primeira audição?

Hamilton - Não sei o que me causou, confesso que não me lembro, era muito pequeno. Antes mesmo de ler e escrever, eu já tocava e ouvia, então isso é como me alimentar, respirar, ver os amigos, curtir a família. É uma coisa fundamental e muito natural na minha vida.

Elebu - Você é um carioca muito do brasileiro e o Clube do Choro da cidade realmente tem alguma coisa de especial pela revelação de instrumentistas de muito valor para a música brasileira, como o Gabriel Grossi, por exemplo. Acha que os músicos que tiveram base na cidade conseguiram dar uma cara própria ao choro produzido em Brasília e avançar no estilo?

Hamilton - A tradição de Brasília é não ter tradição, cidade novinha. Partindo disso, os artistas têm a liberdade de criar o que quiserem em busca de uma identidade. É como o povo brasileiro, totalmente misturado, mas com uma cara única. Não podia ser diferente com os instrumentistas: estamos vivendo uma ebulição musical, a música de Brasília está sendo criada agora!

Elebu - Como foi a sua experiência na França quando você foi estudar?

Hamilton - Eu tive a oportunidade de viver em Paris por um ano, com tudo pago, graças ao Prêmio Icatu que



ganhei em 2001. Esse foi um momento, talvez o de maior mudança que vivi, em todos os aspectos da minha vida e com todos os percalços e alegrias que fazem parte desse pacote. Fundamentalmente, cresci como gente - viver em uma cultura diferente da nossa me deu um olhar mais humano e mais tolerante das coisas. Musicalmente, foi o período em que me encontrei com meu bandolim e desenvolvi uma técnica com a qual eu consigo expressar minha arte de uma maneira mais completa. E profissionalmente, conheci pessoas com quem trabalho até hoje; vou pelo menos quatro vezes ao ano pra lá. Agora, o mais importante foi a convivência com as pessoas.

Elebu - Da evolução que você tratou em dar ao bandolim, o que exatamente mudou no trato do instrumento quando adicionou duas cordas a ele?

Hamilton - Ele me dá a possibilidade de expressar de uma forma mais fiel as idéias que rondam minha cabeça. Posso tocar acordes, melodias e ritmos, tudo ao mesmo tempo. Além disso, o som é um pouco mais grave que um bandolim de oito.

Elebu - Qual a visão do europeu em relação ao choro? Os gringos entendem bem a dinâmica do estilo?

Hamilton - Os europeus adoram o Choro desde quando Pixinguinha esteve por lá, na década de 20, com o seu grupo "Os 8 batutas". Como eles já conhecem música há muito tempo - Bach, Bethoven, etc - a compreensão deles é de quem sabe o que é bom. Então, apesar de sabermos que o choro tem particularidades que só quem vive aqui pode entender, a platéia européia é especial e eles sabem apreciar nosso chorinho.

Elebu - E o público brasileiro realmente entende de choro?

Hamilton - Pode até não entender, mas sente, se emociona e se identifica. Precisa mais?

Elebu - Você fez participações especiais das mais diversas que foram desde Zélia Duncan até em pequenas bandas de "rap'n'roll" como a SubVersão sempre com resultados interessantes. Não mesmo limites para o bandolim?

Hamilton - A criatividade do artista não pode ter limite. É assim que um povo se reconhece em uma obra. Além disso, na minha vida, aprendi que com música eu posso comemorar a vida, chorar algo que passou, e também fazer amigos. Pratico isso sempre.

Elebu - Qual a sua maior ambição na carreira? E quais os projetos que você planejou para 2008?

Hamilton - Minha maior ambição é não ter ambição, é encontrar a arte pura, a personalidade, aprender com os acontecimentos da vida e transformar isso em música. Mas como também vivo disso, quero que cada vez mais o bandolim seja um instrumento conhecido no Brasil e no mundo. Faço isso através de shows, discos e composições. Em 2008 lanço o *Brasilianos 2 - Hamilton de Holanda Quinteto*, que é a continuação do que venho fazendo nestes dois últimos anos; lanço um CD com Joel Nascimento, um de meus mestres e continuo viajando por aí.



nova fase

A Latuya mudou a formação e o estado - não só o de espírito como também o geográfico (era de Minas Gerais e agora é do Rio de Janeiro). Essas novidades trouxeram novos ares e alegria para a promissora banda que volta a produzir a todo vapor. E uma amostra da nova boa fase já pode ser conferida na internet.



A banda Latuya, que agora é 100% carioca, disponibilizou cinco músicas novinhas em folha no MySpace. Elas vão fazer parte do segundo disco com lançamento previsto para junho deste ano. A produção é de Flávio Danza e Caetano Salles, respectivamente guitarrista e baixista, além de ambos serem vocalistas da Latuya. Completam a banda José Carlos no trompete e Rodrigo Barba na bateria (sim, é o mesmo que fez parte da Los Hermanos). "A idéia do MySpace da banda é justamente de divulgar as novas músicas do nosso próximo CD. Quem divide a produção comigo é o Caetano Salles, inclusive é ele uma das boas novidades, cantando e assinando algumas das novas canções", disse Danza, que ainda completou, "a base de guitarra, baixo e batera está sendo gravada toda ao vivo, no mesmo take, sem cortes. A idéia é fazer o CD soar o mais próximo possível do nosso som ao vivo, sem maiores invenções de pós-produção".



Uma das canções que logo chamam a atenção para o novo trabalho é *Canto de Iemanjá*. Traz uma letra simples, melodiosa e um arranjo bonito que passa longe dos sambas e axés característicos das canções que falam do tema. "Apesar de não ter nenhum elemento de samba ou percussão, ela surgiu como uma tentativa de saudar os afro-sambas. Inclusive tem uma parte no arranjo de trompete que a gente fez questão de colocar um trecho incidental de *Canto de Iemanjá* de Baden e Vinicius, assumindo de vez a referência", explicou Danza. Outro destaque é *Sinhá Sinhô* onde diz: "deixa o samba ferver e a poeira subir/ festa já começou, tamborim incendeia". Mas a música em si passa longe do sambinha e manda ver uma bossa-jazz-latino danada de boa, sempre marcada pelo trompete bem tocado de José Carlos. Há de se destacar também os vocais graves (sem ser Arnaldo Antunes) e muito bonitos de Caetano Salles em *Amanhã*.

A opção por um segundo vocalista foi uma decisão acertada na Latuya, uma vez que Caetano faz um contraponto interessante com o timbre esganiçado de Danza. Sem mencionar que a alternância tende a dar mais

dinâmica na sucessão das músicas.

Latuya nasceu em 2002 como um projeto solo de Flávio Danza, mineiro que fazia heavy metal. Mas ele mudou de idéia quando foi morar no Rio de Janeiro e conheceu o samba. Não começou a tocar pandeiro, mas tratou de dar cadência latina à guitarra até desenvolver um som muito próximo ao que a Los Hermanos fez no *Bloco do Eu Sozinho*. Os laços com a banda mais famosa tinham o reforço na participação de Rodrigo Barba. O primeiro EP trazia uma releitura inusitada do clássico latino *Bésame Mucho*, além de músicas divertidas como a de amor platônico inconformado *Amigo*. "Depois de tomar a forma de banda, com duas guitarras, baixo, batera, chegamos ao lançamento do primeiro CD *Alegorias Gratuitas* em dezembro de 2005. O problema é que essa formação ficava dividida entre Rio e Minas, gerando grandes dificuldades pra ensaios, shows e composições. Nesse período a banda acabou virando basicamente coisa de internet. Quase sem shows, e sem produzir nada de novo. Essa situação acabou gerando a dissolução dessa antiga formação. (Se já é difícil manter uma banda com todos morando na mesma cidade, imagina com membros morando a 550km de distância)".

O fato de não conseguir trabalhar bem o *Alegorias Gratuitas* foi uma pena porque é um belo disco com poucos pontos fracos. Ele ganhou inclusive o prêmio London Burning de Música Independente em 2006. Muitas formações depois, a Latuya parece que encontrou o conjunto ideal em agosto do ano passado sob a forma do que Flávio Danza chamou de trio plus. "O plus é o trompete do José Carlos", e disse também que a época marcou pela entrada oficial de Rodrigo Barba. "Desde então, com a formação agora toda carioca, estamos mantendo uma rotina legal de ensaios e shows. Mas pra mim, o fruto maior, são as novas canções".

Com certeza será mais um disco aguardado. Para ouvir as novas canções acesse: www.myspace.com/bandalatuya.

digital, o

Quando fui convidado para escrever aqui no Elebu, sabia que queria falar sobre o dilema música versus tecnologia. Uso aqui a palavra dilema pela pirataria, por exemplo, que é de fato ilegal, ter trazido coisas que, no meu ponto de vista, foram boas e ruins ao mesmo tempo para a indústria musical. Tudo muda, as coisas andam, temos mesmo é que nos adaptar a certas transformações que, quando chegam, podem ser boas para uns e muito ruins para outros.

Há alguns meses, fiz um show com meu trabalho musical, que se chama *Filho dos Livres*, no encerramento de um congresso de Comunicação em uma renomada universidade aqui em Campo Grande. Como de costume, passamos o som mais cedo e fomos cada um pra sua casa, pois o evento ainda estava a algumas horas de seu início. Quando, já no local, minutos antes de tocar, abri a porta lateral do palco e lá estava - por mim, até então desconhecido, pois não sou da área da Comunicação - Ângelo Franzão, vice-presidente da McCann Erickson, uma das três maiores agências do mundo.

Não assisti a sua palestra. O que então acontecia já era aquela discussão pós-palestra, de perguntas da platéia. Também não ouvi a pergunta. O que de fato ouvi, foi a linha de raciocínio de Ângelo indo claramente alguns anos à frente. Evidente que, por se tratar de um congresso de Comunicação, veio à tona a TV digital. Isso me levou a pensar no que ocorreu um pouco antes do "noventa milhões em ação" da copa de 1970, quando escolhemos entre o Pal-M e o NTSC, e a comparar o fato à escolha oficial do governo brasileiro pelo padrão japonês (ISDB), em junho do ano passado, para as transmissões de TV digital, alegando que esse teria se mostrado tecnicamente mais "robusto" para transmissões para receptores móveis. O padrão era o preferido das emissoras de TV, porque, em tese, torna mais difícil a entrada das empresas de telefonia no mercado televisivo.

Eu simplesmente amei a sinceridade quando Ângelo. Pautando a TV digital, falou algo do tipo: "na verdade ninguém sabe realmente onde isso vai dar", completando o raciocínio de que profissionais da área de Comunicação tinham não somente que fazer o certo, tinham sim é que sempre inovar ou nunca estarão entre os melhores. Completou: "imaginem o mundo em que a peça do profissional de Comunicação poderá ser avaliada por suas vendas imediatas?", *linkando* a profissão dele com o advento de se poder vender, interagir ou fazer aquilo que ninguém sabe onde vai dar, através da TV digital. Um novo, ainda que obscuro e promissor "mercado".

Aí fui longe. Lembrei dos meus bons anos em Los Angeles, nos idos de 1998, quando na ocasião estudava áudio, e das discussões de meus professores sobre o mundo digital e a música. Vou começar de sua fonte, nem falando ainda em internet. Alguns deles, que trabalhavam com nomes da música mundial, engenheiros da velha guarda que nos mostravam como editar em fita de duas polegadas com gillette, amavam o som, falavam: "*Oh yeah dude, sounds like a record!*". Não gostavam nem de captar em gravadores digitais.



tal



Alguns, da escola um pouquinho mais à frente cronologicamente, que, é claro, idolatravam e respeitavam os mais abastados de experiência, falavam que nada poderíamos fazer e que o digital era a realidade. E é.

Impossível mesmo fazer um álbum hoje em algum sistema analógico, para a grande maioria das pessoas que querem gravar sua música. Virou um efeito! Quem é que hoje em dia pode pagar algo em torno de R\$ 600 por quinze minutos de gravação (dependendo da velocidade), fora as fitas de *back up*, alinhar a máquina todo dia, lidar com o lindo chiadinho, ter um lugar com condições corretas de armazenamento? A lista vai longe. Em um HD de R\$ 300 colocamos hoje, em vários canais, dois, três álbuns inteiros. Não dá pra competir, mesmo *"not sounding like a record"*. Eu, particularmente, considero os sistemas incomparáveis; nem melhor, nem pior, apenas diferentes. Não há como comparar um Mustang 69 com um Audi 2008. Posso um dia escrever sobre como o áudio captado vira nada mais nada menos que "uns" e "zeros" no mundo digital. Se alguém quiser mergulhar na piscina dos bits, me avise, não vou perder o foco aqui.

Não é que, no meio do show, enquanto eu bebia água, meu amigo e parceiro musical de longa data, Guga Borba, fazendo uma propagandinha básica do nosso disco novo, que pode ser baixado na íntegra do nosso site (www.filhosdoslivres.com.br), e que depois do carnaval terá distribuição da gravadora Velas, mandou: "à disposição em qualquer lugar do universo". Ele não tinha ouvido sobre a TV digital minutos antes, e eu pensei: "Mas não é que é mesmo, rapaz?".

Desde quando a mídia, aqui no caso o compact disc, deixou de ser como uma garrafa que aprisiona a Jeannie, e sendo, no mesmíssimo caso, a internet seu mundo de liberdade, essa discussão, pra mim, acabou. Pode virar fumaça rosa e voar por aí. Não briguem Metálicas e Napsters ou Bandos e Santos da vida! Estamos na curva da história e ninguém quer ver. Temos é que ter paciência.

Assim como é quase impossível gravar em sistema analógico, como falei acima, também considero impossível não soltar nossas músicas por aí. Somos hoje, como o Henry Ford em 1914 pensando em como fabricar carros de uma forma mais rápida. O que foi, na época, um avanço extraordinário, estudado ainda hoje no curso de Administração, é atualmente uma empresa automotiva globalizada, tendo que cortar milhões por ano em custos para lidar com prejuízos, demitindo muitos trabalhadores e fabricando produtos que precisam mudar em decorrência, dentre vários outros fatos, do aquecimento global. Tudo realmente tem seu ciclo.

Imagine a época em que trocas digitais não existiam. Nem é tão longe; eu mesmo já tocava com pretensões profissionais. Pensava em como fazer para mais e mais pessoas escutarem meu trabalho. E não é que hoje temos isso! O que não temos ainda é como ter lucros financeiros reais com os *downloads* de nossa música pela internet. Ainda mais para trabalhos independentes, como o nosso. É hoje ainda aquele mundo que, na época em que o Ronaldo teve aquele treco na copa da França (já que nossa referência temporal no início foi a copa de 70), já era realidade, e que ninguém, coincidentemente, sabia direito onde iria dar. Quase dez anos depois, se alguém souber onde ele realmente vai dar, me mande um *e-mail*, por favor. Desde opiniões até legislações, estamos ainda, de fato, todos engatinhando.

Imaginem então se a gente começar a pensar na TV digital? Aquela que ninguém realmente sabe, hoje, quando virar realidade onde vai dar, em uma MTV do tipo: "gostou? compre agora este 'algo' (não sei se vídeo, CD, alma...) por apenas 1,99!". No Brasil de hoje, com quase 200 milhões de habitantes, dos quais apenas 14,4 milhões são usuários ativos da internet (*NielsenNetratings/compilação www.e-commerce.org.br. usuários ativos: que tiveram pelo menos um acesso à Internet no mês anterior*), nem devo pensar em TV digital. Ainda não. Prefiro mesmo, por enquanto, é traduzir nosso site para inglês e espanhol, somados, é claro, ao nosso querido e lindo português. Pra poder falar, quando alguém me perguntar onde achar meu "CD", a seguinte frase: "ué? Em qualquer lugar do universo".



prêmio movimentada cena local de música

O Hellcity Blog, porta-voz do cenário mato-grossense de música independente, promove votação para eleger os melhores nomes de 2007. O I Prêmio Hellcity da Música Independente Mato-grossense destaca a produção autoral feita em Mato Grosso em 15 categorias, que vão desde produções audiovisuais até casas de shows, com indicados escolhidos por uma curadoria composta pelos principais jornalistas, produtores e agitadores da cena da música em Cuiabá.

A votação está aberta a todos os interessados em avaliar o ano que se passou no que concerne ao mercado local de música e pode ser acessada pela internet através do blog que carrega o nome da movimentação. "O intuito do Prêmio é dar voz ao público que consome esse

mercado, além de promover o reconhecimento pelo empenho dos envolvidos na construção do nosso cenário local", afirma Dewis Caldas, editor do veículo e idealizador da premiação.

Além das categorias disponíveis para votação o I Prêmio Hellcity da Música Independente homenageia o contra-baixista Ebinho Cardoso pela sua contribuição e expansão da música mato-grossense através do país, sendo hoje um dos músicos mais respeitados nacionalmente.

SERVIÇO

O QUÊ: I Prêmio Hellcity da Música Independente

QUANDO: Janeiro a Fevereiro de 2008

ONDE: Acessando a página do Hellcity Blog (www.hellcity.blogger.com.br)

branco ou tinto lança simbiose

Cuiabá exportou uma boa safra de bandas em 2007 e termina o ano com *Simbiose*, o primeiro disco da banda que encabeça a novíssima geração independente do Estado. O ambiente híbrido criado pelo Branco o Tinto no primeiro Ep faz das três músicas uma só, tamanha a progressão lírica proposta. Experimente ouvir e não sair cantando exaustivamente o refrão. Resumidamente o disco é pop, mas está longe de ser descartável.

Gravado em dois dias no estúdio do Espaço Cubo, *Simbiose* tem a produção assinada por Bruno Kayapy, do Macaco Bong, "a banda criou tudo, eu acompanhei e dei os toques segundo eles mesmos definiram, já vieram de casa com a idéia, esse foi o mais importante de toda a produção" diz o Bruno. No primeiro registro completo e oficial, a banda já se desfaz da sonoridade "só grunge" e corre cada vez mais pra longe do conceito. Na sintomática capa do disco, um banco de praça remete à sensação que leva o nome do EP.

A faixa de abertura, *Analogia*, é a mais roqueira, analisa a moda e da indústria do

consumo, tudo isso com um contra-baixo limpo e uma guitarra groovando com a bateria. Confissão sem Culpa mostra a competência melódica construída pelo trio, com doces estribilhos e uma suave e intimista voz de Welliton Moraes, que também é o compositor. Velas têm cheiro de Cemitério, a última, desenvolve uma pegada constante e a introdução mais empolgantes das três faixas.

O guitarrista da extinta Dope Dick confessa que a gravação foi rápida por causa da idéia de transformação proposta pelo disco. "O nome remete a dualidades e junção de tudo, do som e da personalidade dos integrantes, principalmente" explica Welliton.

SERVIÇO

O que: Ep Simbiose

Preço: R\$5,00 ou gratuitamente no Tramavirtual

Branco ou Tinto é:

Welliton Moraes – Vocal/Guitarra/Efeitos

Marcos Tubarão – Bateria/backvocals

Thiago Araújo – Cantrabaixo

www.tramavirtual.com.br/branco_ou_tinto

16 anos

Felipe Dandolini, do Snorks, fala sobre a Volume, Hardcore e seus 16 anos

Dewis - Como foi o primeiro contato com a música?

Felipe - Na verdade gosto de música desde criança, mas fui me interessar mesmo por ela bem mais tarde, lá pelos meus 16 anos, que foi onde eu comecei a tocar violão, justamente porque eu e meus amigos queríamos montar uma banda em Santa Catarina.

Dewis – E como é o cenário por lá?

Felipe – Opa, a cena lá é forte quando se fala em “HC”, mas o interesse maior é trazer bandas já reconhecidas como Dead Fish, Nitrominds e até bandas gringas, nunca vi muito interesse em intercâmbio com outros Estados e tudo mais. Isso naquela época, hoje em dia não sei como está, mas pelo que venho acompanhando ainda é praticamente igual, quem vê as bandas de Criciúma circulando o país?

Dewis - E quando chegou aqui, como foi para perceber, entrar na cena, montar uma banda e acabar coordenando o núcleo da Comissão de Eventos do coletivo Volume – Voluntários da Música?

Felipe – Cheguei em Mato Grosso por causa da faculdade, comecei a cursá-la aqui, mas estava com planos de montar uma banda, então conheci as meninas da banda Lazy Moon e através delas conheci a galera do Espaço Cubo e das bandas... Foi nessa época que conheci o Sonny (baixista), depois de algumas conversas resolvemos montar a Snorks. Só montei a banda porque percebi como funcionava o cenário local, vi que não era um bicho de 7 cabeças e que trabalhando com objetivos e metas as oportunidades sempre vão aparecer.

Dewis – E como apareceu o Edson e o Mikhail?

Felipe – A banda estava só no papel, ainda não tinha bateria, fizemos alguns testes e nada... Na época do Festival Calango de 2006 o Sonny chegou pra mim e disse que conhecia um batera, me apresentou o Edson e ele foi convidado. Ele topou fazer uns ensaios e aí foi. Snorks estava montada como um trio. Depois de uns seis meses de banda resolvemos fazer músicas um pouco mais agressivas na guitarra, foi aí que convidamos o Mikhail, na verdade já tínhamos convidado antes, mas tudo estava muito corrido por causa do Grito Rock na época e então não tinha rolado... Depois que o Asthenia (sua antiga banda) acabou o Mikhail chegou e disse: - Felipe, vocês ainda estão pensando em por duas guitarras? Foi muito engraçada a cara que ele fez. Lembro do Kayapy (do Macaco Bong) sorrindo da cara dele. Dissemos que faríamos uns testes, mas é claro que ele iria entrar.

Dewis – Vocês acabaram de lançar o “Caminhos e Atalhos”, o primeiro EP. Como foi o processo de criação e gravação?



Felipe – Na verdade não estava nem programado as gravinas, um dia estávamos conversando sobre gravar, ligamos para o Rodrigo Lopes, do Estúdio Riff, marcamos a gravação e no mesmo dia, a noite, já estávamos no estúdio.

Dewis - E o lance com a Portenho Records (MS), que é quem distribui a banda, como rolou?

Felipe - Conheci o Kelton, produtor do selo, no Festival Grito Rock 2007, eu tava com uma banca vendendo camisetas e ele com a banca da Portenho, trocamos uma idéia e ele disse que tinha curtido a banda e tal. Depois ele veio pra Cuiabá no Circuito Volume com bandas de Campo Grande/MS, foi aí que ficamos brothers e ele convidou agente pra tocarmos no Mato Grosso do Sul. Daí para entrarmos na Portenho foi rápido.

Dewis - projetos para 2008?

Felipe – Projetos são vários: Gravar um disco inteiro, fazer o clip e montar o nosso estúdio, já que eu e o Sonny moramos juntos. E colocar a Pull Off, que é nossa produtora, pra funcionar e fazer a cena HC daqui crescer ainda mais. Essa são as prioridades. Falando nisso, o objetivo da Pull Off é fazer um circuito HC no Centro Oeste mais forte, fazendo com que o público Fora-do-Eixo comece a curtir o gênero também.

brilhante

O que anda se dizendo por aí é que *Juno* (*Juno*, EUA/Canadá - 2007), dirigido por Jason Reitman, é o novo *Pequena Miss Sunshine*. A relação procede pelas coincidências. São dois filmes independentes que custaram pouco e lucraram muito. No caso de *Juno*, os custos foram de U\$ 7,5 milhões para faturar mais de U\$ 85 milhões. Os dois filmes têm elencos sem grandes nomes, mas de atores muito bons, contam uma história envolvente, e surpreenderam ao serem indicados ao Oscar de melhor filme e direção. *Pequena Miss Sunshine* levou o de melhor roteiro original, e *Juno* é o favorito da categoria neste ano. Mas as comparações devem terminar por aí.

Juno é o tipo do filme que não teria a mesma graça se não tivesse os atores certos, por mais que o roteiro de Diablo Cody tenha ficado muito bom. Começa pela protagonista Ellen Page, que também foi indicada ao Oscar de melhor atriz. Isso pode ser surpreendente, mas só para aqueles que não acompanham o cinema com um olhar mais atento. Page é uma versão um pouco mais jovem e menos glamurosa de Natalie Portman, e que não tem concorrência entre as atrizes da sua idade (ou, pelo menos, não apareceu nenhuma até agora). No seu currículo consta desde o blockbuster *X-Men 3* até o polêmico *Menina Má.com*. Se a garota já manda muito bem, as coisas ficam mais fáceis quando ela tem o suporte de J.K. Simmons (o impagável J.J. Jameson da trilogia *Homem-Aranha*), da conceituada atriz de TV Allison Janney (que está muito bem em *Juno*), além dos atores Michael Cera e Jason Bateman que participaram do ótimo seriado *Arrested Development*. A mais fraquinha do grupo, mas que também não compromete, é Jennifer Garner, justo o nome mais famoso.

Depois de uma visita a um mercado para comprar muitos testes de gravidez, a adolescente de 16 anos Juno MacGuff (Page) descobre que está esperando um filho do seu melhor amigo Paulie Bleeker (Cera). Ela é uma piadista irônica geek meio punk que adora os Stoogers, e ele é um garoto viciado em tic-tac meio lento de pensamento, porém rápido com as pernas (é da equipe de atletismo da escola). Numa dessas coisas que ninguém explica, eles se amam, só que não tem a mínima condição de criar um filho. Juno ainda pensa no aborto, mas reconheceu que a melhor opção seria entregar a criança para um casal (Garner e Bateman). Sua decisão tem o apoio do pai (Simmons), da madrasta (Janney) e também da melhor amiga Leah (Olivia Thirlby).

Nada demais, não é verdade? Parece que essa história já foi contada algumas vezes nesses filmes adolescentes mais descolados. Talvez. É aí que entram os detalhes técnicos que não deixaram *Juno* ser apenas mais um: o ritmo da história que é agradável e ligeiro sem ser de vídeo-clipe, a trilha sonora marcante (inclusive o CD é um dos mais vendidos nos EUA), o colorido da fotografia, a competência do elenco, o roteiro bem escrito, o humor diferenciado, e a direção precisa de Jason Reitman. O único detalhe perturbador é o casaco vermelho de capa que Juno MacGuff veste no filme. É que lembra a personagem que Page interpretou em *Menina Má.com* onde ela caça e pune um pedófilo de uma forma sinistra. Dá calafrios!

Taí um filme com uma velha história, de baixo orçamento e que conseguiu ser brilhante. Quem precisa de um blockbuster afinal?



JAVIER BARDEM GIOVANNA MEZZOGIORNO BENJAMIN BRATT



A film by MIKE NEWELL
Written by Academy Award winner RONALD HARWOOD



A Prize-winning author GABRIEL G



LOVE *in the time of* CHOLERA

Rúbia Cunha

Mike Newell, diretor de Harry Potter e o Cálice de Fogo, resolveu tomar para si, o desafio de adaptar uma das obras de Gabriel García Márquez. *O Amor Nos Tempos do Cólera*, roteirizado por Ronald Harwood, passou a princípio pela dificuldade de adaptação do livro para o roteiro. Metade dele havia ficado de fora, incluindo passagens que seriam importantes para a compreensão da trama. O trabalho precisou ser refeito e a produção ganhou força. As filmagens aconteceram na Colômbia com a participação de atores como Javier Bardem, Giovanna Mezzogiorno, Benjamin Bratt e Fernanda Montenegro.

Unax Ugalde ficou no papel do jovem Florentino Ariza, que se apaixona perdidamente pela Fermina Daza (Giovanna), moça de família rica que demonstra interesse pelo rapaz. Pude presenciar no filme, uma mocinha que possui um lado forte que não gosta de ser subjugado. Por outro lado, vi em seu parceiro, um homem romântico, reprimido e fraco perante os transtornos que o casal passa. A princípio, pude ver todo o problema da época, onde as mulheres deveriam se casar pelos interesses do pai.

O casal humilhado pela força paterna, imponente nesse aspecto, sofre uma separação dolorosa. Alguns anos se passam e o reencontro causa dor apenas para uma das partes, pois Fermina aparentemente havia esquecido o amor pelo jovem Ariza. Sendo essa a primeira das lacunas que encontrei no filme, um tanto quanto confusa, fez-me estipular várias possibilidades para tal evento: o deixar de gostar leva-me a pensar se a moça realmente gostava do rapaz, ou se ela apenas seguiu o conselho de sua amaseca, que desejou o melhor para a moça.

Mais tarde podemos ver a entrada do Dr. Juvenal Urbino (Bratt) na vida de Fermina, o que traz grande desgosto para o primeiro amante. Urbino era a maior entidade no que se tratava de detectar e curar pessoas que possuísem o cólera e devido a um susto da Família Daza, ele conheceu Fermina. No que se trata de ser um homem galanteador, este doutor não media esforços para conquistar a mocinha, e ele consegue dobrar-la e subjugá-la. Levei um tempo de debate com amigos meus, justamente por conta de como o doutor mostra o seu poder sobre a jovem Daza. Mas, não muito distante disso, Fermina ainda consegue expor seu domínio sobre os homens.

Outro aspecto interessante que podemos encontrar é que para sanar a dor pela falta da mulher amada, Ariza mergulha em um mundo libertino. Buscando aliviar o desejo de possuir sua antiga amada, ele poderia ser considerado o Casanova ou o Don Juan colombiano. Suas conquistas trazem um pouco de graça ao filme. Digo isso, porque houve outras lacunas que geraram dúvidas e a produção andou pecando na maquiagem. Foi estranho ver um único ator onde se notava envelhecimento. As demais personagens tiveram um envelhecimento tão sutil ou aparentemente nenhum, que deixou o filme surreal demais.

Pude escutar alguns comentários de que o filme estava parecendo uma produção global, ou que deixou a desejar. Confesso que da minha parte, foi interessante assistir, mas que realmente as lacunas existentes me deixaram com dúvidas o suficiente para pensar em ler o livro. Creio que faltou exatamente "o cólera" no filme, ou cenas mais constantes do cenário principal da trama romântica e dramática que o livro deve sugerir.



reparação



Djenane Arraes

Reparação (Atonement), de Ian McEwan, é considerado o primeiro grande clássico literário do século XXI. Não se fala de vendas, mas de qualidade, de escrita e enredo impecáveis. É o tipo do livro que, por sua intensidade, te faz passar um tempo respirando forte para se recobrar ao final da última página. Ele é tão especial que nem mesmo Ian McEwan conseguiu voltar a escrever algo igualmente poderoso.

Como é trivial acontecer com os grandes livros, alguém achou que seria uma boa idéia adaptar *Reparação* para as telas de cinema. O fato em si já faz piscar o sinal amarelo porque é difícil um filme conseguir capturar com sucesso a força das páginas. Mas por uma dessas coisas incríveis que acontecem vez ou outra, ou talvez por se tratar de uma obra verdadeiramente especial, os

produtores tiveram imenso cuidado para não ferir a história, e deram a ela uma produção a altura. Mérito de Christopher Hampton por desenvolver um roteiro fiel, e também do diretor Joe Wright por não bagunçar as coisas e por não ferir a integridade do texto em nome da indústria.

Assim, *Desejo e Reparação* (Atonement, Reino Unido/França, 2007) chegou forte e bonito às telas de cinema, pronto para arrebatar dezenas de prêmios. Já conseguiu o Globo de Ouro de Melhor Filme Drama e também concorre ao Oscar 2008.

A reparação do título diz respeito ao crime cometido pela escritora Briony Tallis (Saoirse Roman, aos 13; Romola Garai, aos 18; e Vanessa Redgrave, aos 77). Ela era a caçula de uma família aristocrática que vivia numa casa estuenda na Inglaterra. Em 1935,

aos 13 anos, Briony presenciou a sua irmã Cecília Tallis (Keira Knightley) tirando a roupa em frente do filho da empregada Robbie Turner (James McAvoy). Em seguida, Cecília mergulhou na fonte em frente da mansão. A menina interpretou as coisas de uma forma errada, e sua visão distorcida se fortaleceu com a sucessão de outros equívocos sempre envolvendo

ração



reparar o mal que fez.

O desenvolvimento da história é linear com algumas idas e vindas para que o espectador tenha a visão de Briony e depois saiba como as coisas realmente aconteceram. Isso traz uma compreensão toda especial porque ao mesmo tempo em que te faz se sentir mal pela história de amor fracassada, é impossível julgar as razões da menina. Se existe a figura do anti-herói, Briony deve ser uma espécie de anti-vilã, aquela que destrói para depois se arrepender e ainda te faz sentir compaixão. É possível arriscar dizer que Briony Tallis é um dos personagens mais importantes da literatura inglesa do novo século.

É preciso ressaltar que o trio principal de atores, Knightley, McAvoy e Roman, deram um show de bola. Knightley ainda teve o benefício de uma antiga parceria com o diretor Joe Wright que vem desde o também

premiado *Orgulho e Preconceito*. A verdade é que a atriz inglesa se sai muito melhor em filmes gravados em e sobre o seu país do que nos hollywoodianos como *Piratas do Caribe*. A fotografia e a trilha sonora são outros que merecem aplausos, e de pé. Seamus McGarvey fez um trabalho de iluminação impecável, já Dario Marianelli desenvolveu uma trilha que intercala orquestra com sons orgânicos que dialogam com a edição das cenas. Como nas de Briony marcadas pelo tecler de uma máquina de escrever.

Desejo e Reparação de Joe Wright dignificou ainda mais o *Reparação* de Ian McEwan. É um filme que consegue transitar tanto nas salas de cinema de arte quanto nas comerciais pelo fato nem tão simples assim de se propor a fazer algo correto. Mais que uma adaptação, trata-se de uma homenagem que não cansa.

Robbie e Cecília. Até que acontece o estupro da prima das irmãs, e os fatos induzem Briony a acusar Robbie injustamente. O crime da mentira teve um impacto brutal na vida dos três. Robbie e Cecília eram apaixonados e a menina só conseguiu entender seu engano algum tempo depois, para só então dedicar o resto de sua vida procurando alguma forma de

o mais querido

"É interessante observar que muitos dos personagens principais das tiras mais bem sucedidas, tem personalidades similares. Os leitores geralmente simpatizam com o personagem central que é gentil, às vezes criativo e nem sempre brilhante. Talvez porque esse é o tipo de pessoa que é mais fácil de se amar". Esta é uma das reflexões feitas por Charles M. Schulz a respeito daquele que é considerado o personagem mais amado do mundo dos quadrinhos: Charlie Brown. Essas observações estão contidas em *Peanuts, a Golden Celebration*, livro comemorativo dos 50 anos da criação do dono do Snoopy e sua turma. O atrativo a mais é que ele foi publicado poucos meses antes da morte de Schulz, logo, o livro faz um parâmetro definitivo de toda a sua obra.

A concepção do *Golden Celebration* foi perfeita ao colocar as tiras especialmente selecionadas em ordem cronológica, e comentadas pelo próprio autor. Ao longo de 250 páginas, ele explica a criação de cada personagem e como foram crescendo na medida em que suas

personalidades eram firmadas. Você terá o prazer de ver as primeiras aparições de Lucy, Linus, Marcie e Patty Pimentinha; a primeira vez que Lucy puxou a bola de futebol americano de Charlie Brown; porque Snoopy dorme em cima da casinha e etc. Há também curiosidades, como páginas com cartas furiosas de leitores porque foram feitas algumas tiras onde as crianças faziam suas observações a respeito de assuntos bíblicos, ou porque mostrou um negro estudando com crianças brancas.

Outro ponto interessante é a veracidade com que Schulz contesta o julgamento que Charlie Brown é um perdedor. O "Minduim" perde quase sempre, mas "perdedores de verdade são aqueles que param de tentar". Ele não, pois continua acreditando que um dia pode chegar a sua vez. "Muitos de nós está mais familiarizado com a derrota do que com a vitória. Vencer é ótimo, mas não é engraçado. Enquanto uma pessoa é o feliz ganhador, devem ter centenas de perdedores fazendo histórias divertidas para se consolarem".

Até o maior dos vencedores teve ter um pouco de Charlie Brown dentro de si e talvez seja essa a razão de que ele se tornou tão grande e amado. *Peanuts, a Golden Celebration*, é aquele livro para se guardar e ler aos poucos, saboreando a sensibilidade e humanidade de personagens inesquecíveis. No dia que a gente deixar de se identificar com Charlie Brown, Snoopy, Lucy e o resto da turma, pode ter certeza que alguma coisa está errada.

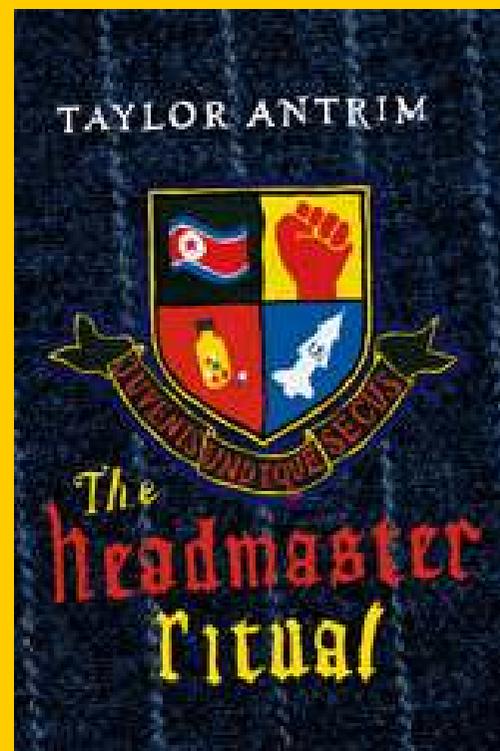


the headmaster ritual

Não se pode julgar um livro pela capa, pelas “críticas publicitárias” e nem pelo título. Quer dizer, títulos são fundamentais porque dão a primeira dica do que se trata a história ou conteúdo, mas existem alguns casos que nem isso se pode confiar. Veja o exemplo de *The Headmaster Ritual*, de Taylor Antrim. A capa é muito bacana e colorida, a crítica é de Christopher Buckley, autor do genial *Obrigado Por Fumar*, onde dizia: “Um impressionante debut em todos os sentidos”. E por último, o nome foi tirado de um disco dos Smiths onde a música-título faz uma crítica sobre escolas e sistema educacional. Quem olha para todo esse conjunto até pensa que é um livro perfeito. Não é.

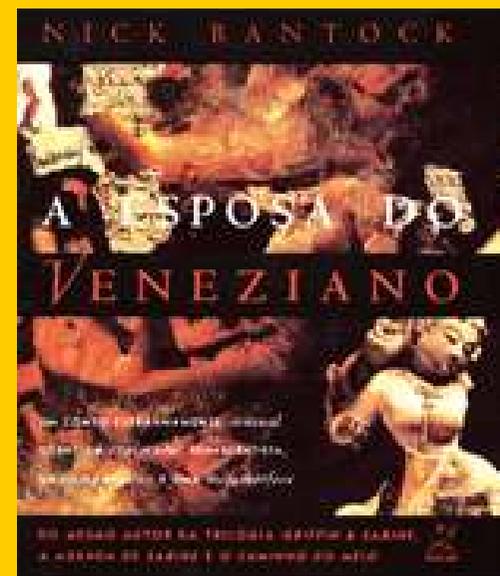
A idéia é interessante. Fala do universo da prestigiada Britton School, que funciona em sistema de internato. É onde os pais ricos colocam seus filhos e filhas com o objetivo de prepará-los para as melhores universidades. Bom, em alguns casos é para punir também. O drama é centrado no professor novato Dyer Martin, e no aluno James Wolfe. Dyer é um sujeito ora submisso, ora parece ser o único equilibrado na Britton. Ele tem uma vida confusa que inclui uma relação mal resolvida com a ex-namorada roteirista de cinema. James é um nerd que só pensa em sobreviver no seu último ano na escola. O garoto é escoraçado pelos caras maiores e ainda alimenta uma paixão pela Jane, a esportista popular. Mas a garota só quer saber de namorar cretinos. O que aproxima Dyer e James, além de serem professor e aluno, é a relação pouco confortável com o diretor Edward Wolfe. Dyer se sente acuado diante das atitudes e posições esquerdistas extremadas do superior, enquanto James precisa aturar a distância e o descaso do próprio pai.

E sabe o que acontece no decorrer da leitura? Você descobre que não dá a mínima para os personagens e ainda fica com a sensação de que aquilo não vai chegar a lugar algum. A história pode ser a mais óbvia do mundo, mas se o personagem é forte, a coisa anda. Não é o caso de *The Headmaster Ritual* onde não há ninguém que te desperte algum sentimento mais expressivo. Além disso, o desenvolvimento da trama é problemático e cheio de clichês mal colocados. A narração de Taylor Antrim até que flui e essa é a única razão que te faz chegar ao fim depois de muita insistência. Eis aí um novo “prestigiado” escritor norte-americano que precisa comer muito feijão para fazer um bom livro. O seu de estréia é apenas razoável. Pense duas vezes antes de arriscar.



a esposa do veneziano

Nick Bantock reinventou a literatura quando lançou a saga de *Griffin e Sabine*, jovens que trocam cartas. O barato dessa primeira publicação é que quem possui o livro, pode folhear tocando as cartas, pois, lá dentro têm envelopes e mapas. Um delírio para quem gosta de encher a mão. Infelizmente, nunca li a trilogia de Griffin e Sabine, mas, tive a oportunidade de ter em mãos um outro livro do autor: *A Esposa do Veneziano*. Absurdamente irônico e adoravelmente poético, atinge em cheio o patinho feio em cada um de nós. Nessa publicação, Bantock nos delicia com e-mails. Vemos uma troca deles entre a personagem principal, Sara Wolfe, restauradora de arte, e Sr. N. Conti, que atíça a curiosidade da pacata Srta. Wolfe ao lhe oferecer um emprego para lá de empolgante: achar misteriosas estátuas hindus, perdidas há muito tempo. Antes das trocas de cartas eletrônicas, Sara sente um fascínio profundo por um desenho na Sala Indiana, que a deixa ruborizada e ainda mais perplexa quando o primeiro e-mail chega em sua tela de computador, pois, o Sr. Conti havia reparado seu rubor. A história dessa singela busca vai muito além da simples busca por artefatos artísticos hindus e antigos. Sara se descobre ao longo do livro, passa a entender coisas sobre si mesma que antes seriam insidiosas. Assim, a viagem empreendida é feita também dentro da alma. É um



delírio virar cada página e encontrar além dos e-mails escrituras, mapas, desenhos e fotos que nos dão pistas para acompanhar os passos da Srta. Wolfe. *A Esposa do Veneziano* acaba também nos transportando para dentro de nós mesmos sem que nos percebamos de onde saímos ou para onde iremos. (*Georgiana Calimeris*)

os santos de cada um

Djenane Arraes

Às vezes é preciso reconhecer que cada pessoa tem uma espécie de santo que a faz se safar de muita coisa. Não sei se o meu é forte, mas ele se fez no retorno ao Brasil depois de uma temporada em terras estadunidenses.

A primeira coisa é que odeio voar. Tenho medo, trauma, pesadelos com aviões caindo, explodindo e etc. Logo, viagens aéreas não me inspiram. E eis que vem a necessidade de passar por tudo isso sozinha num período que não duraria menos de 24h entre aeroportos e eles, os aviões. A primeira etapa foi cortar os EUA do oeste para o leste num trajeto de quatro horas. Até aí tranquilo porque o espaço aéreo norte-americano não é a bagunça do nosso e isso ameniza um monte. Duro foi agüentar as nove horas que separam Houston de São Paulo dentro de um Boeing 767 que sacudiu igual ônibus em rodovia esburacada. Não deu para dormir nem sob efeito do dramín. Ô santinho, quebra o galho! Foi uma tortura que me faz pensar que a popularização dos navios transatlânticos não seria uma má idéia.

Em São Paulo, quase 90% dos passageiros desceram. Depois subiram alguns gatos pingados de outras conexões. A escala para o Rio de Janeiro não levaria nem 40 pessoas contando a tripulação. A parada não seria ruim, pelo contrário, se não fossem as horas extras estacionados para o reparo de um problema mecânico. "Problema mecânico? Como ninguém disse isso antes, aliás, como alguém foi dizer isso agora?" Era melhor ficar calado ou inventado outra desculpa. O estômago que já não estava muito bom, revirou! Vai santo, ajuda aí! Os 35 minutos na "ponte" foram os mais cruéis. O avião parecia demorar demais a subir, o que fez as rezas e mantras habituais triplicarem. Até gente que não conheço foi "acionada" pra ajudar o 767. Ele não só subiu, como planou no ar que foi uma beleza. Sim, planou sem fazer barulho de turbinas e essas coisas. E lá foram mais uns cinco fios de cabelo branco... Mas os santos dessas quase 40 pessoas reunidas foram eficientes e pousamos em segurança.

No Rio ainda tinha de passar pela tal da alfândega, que foi outra etapa que o santo trabalhou muito bem. Antes é preciso fazer uma pausa para explicações. Fui para os EUA com uma única mala de 15kg e uma outra de mão levíssima. A cota de entrada com isenção de



impostos no Brasil é \$500. **Pois então, voltei com duas malas com 53kg somadas (o máximo é 64kg), e uma de mão que comportava mais da metade da cota permitida.** Boa parte do peso era por conta de "muambas" minhas e dos outros. Entenda isso como aquelas encomendas que amigos e parentes fazem para aproveitar os preços mais baixos de certos produtos. Por essa razão, e do estouro da cota, tinham coisas até dentro dos sapatos. E entrei sem declarar um CD que fosse.

Se a mulher da alfândega abrisse minha mala, estaria no sal, mesmo com tudo camuflado. Quase aconteceu. Ela viu um laptop no raio x que não existia (acho que se confundiu com uma guitarra do playstation). A minha reação foi espontânea e muito sincera: "cê tá louca? Não tem laptop aqui não". A moça me olhou com espanto, talvez porque ninguém falasse daquela maneira. E eu ali num stress tão maluco que poderia encarar qualquer briga. Mas o santo foi camarada e a moça que poderia dizer um "abre a mala" e me fazer pagar uma taxa absurda, me deixou passar.

Ele só não me ajudou a pegar a conexão para Brasília a tempo, mas aí já seria pedir demais. Não pude fazer nada senão tomar um chá de aeroporto por mais quatro horas, boa parte escutando o disco do Emílio Santiago perto de uma barraquinha de CDs num calor de 40°. Não tinha dinheiro nem pro lanche. É mole?

Quantas vezes já ouvi a expressão de que o "santo de fulano é forte" sem dar bola pra ela. Mas hoje, olhando pra trás e lembrando de tantas situações que poderiam terminar em tragédia e que saí ilesa (ou quase), penso: santos devem existir mesmo! Continuem olhando por nós. Só não vale abusar da sorte.



tão longe tão perto

Georgiana Calimeris

A morte de Heath Ledger, ator norte-americano em ascensão nos Estados Unidos, conhecido por interpretar um homem apaixonado em *Brokeback Mountain*, deixou um ponto de interrogação. Normalmente, não me choco com facilidade com a morte das celebridades até porque algumas usam e abusam de substâncias duvidosas e de álcool e posam de santinhos, sendo perdoados logo de cara por pertencerem à classe de seres humanos que nós gostaríamos de ser. Ou seja, devido ao trabalho recompensador, eles não precisam se preocupar tanto com dinheiro como nós pobres mortais que temos que assoviar e chupar cana para chegar ao fim do mês com alívio. Enfim, esses seres humanos que surgem glamurosos nas revistas são endeusados e fica um ar pesado quando se vão de modo abrupto. Lembra James Dean, morto no auge de sua carreira devido a um acidente automobilístico.

A gente costuma entender quando a velhice se aproxima e um evento natural acontece às pessoas, só que fica um gosto amargo quando um jovem se vai. Morreu também o ator Luiz Carlos Tourinho com um aneurisma cerebral. É como eu disse: trágico, mas aceitável dentro da ordem natural. Essas coisas acontecem. Talvez, a morte de pessoas jovens tragam à nossa mente a idéia de que os mais velhos é que deveriam ir primeiro, de que o natural é os filhos enterrarem os pais. Não posso falar da experiência por mim mesma, afinal, nunca vivi a trágica e terrível situação de perder alguém próximo e mais novo que eu. Lembro lá pelos 14 anos de ter perdido uma colega por conta de uma crise alérgica forte. Ainda lembro o nome dela e lembro de ter chorado horrores, mesmo não sendo íntima. Cresci ouvindo histórias de gente nova que foi deixando esse planeta em acidentes e por doenças. Aquelas que me chocaram ficaram na mente. Lembro de um rapaz que morreu fazendo mergulho livre. Por conta dessa informação, tive o sonho mais maravilhoso da minha vida! Estranho, né? Talvez, fosse minha forma de homenagear o rapaz, que lembro vagamente quem era. Outra morte que me deixou intrigada foi de uma menina de 14 anos que tinha um aneurisma. Como alguém suporia que uma forte dor de cabeça pudesse causar um problema tão sério? As coisas da vida que a gente tenta entender sem realmente assimilar direito o que se passa.

Uma coisa que me assusta muito é a quantidade de casos de câncer que aparecem em conversas. Alguém que conhece alguém que tem essa doença e a gente tenta fingir que não existe, que não pode acontecer com a gente. É estranho você receber a notícia de que alguém que você ama tem a doença e a gente sabe que o tratamento não é gentil e delicado. Não é como um resfriado que a gente toma um comprimido e já está pronto para outra no dia seguinte. Qualquer um de nós pode ter um diagnóstico desses, depende da genética e a



nossa predisposição emocional. A morte é algo definitivo e real, faz parte da vida de todos nós e, no entanto, torna-se difícil aceitar a partida dos entes queridos, ainda mais se os entes queridos são jovens. Voltando ao fim da vida de jovens talentosos, existem especulações sobre os famosos, principalmente, quando há o burburinho do consumo de drogas.

Essa situação ainda me faz refletir sobre outras situações estranhas, algo que me deixa intrigada pela natureza dos eventos: o consumo de drogas é notadamente comum entre pessoas dos meios artísticos e do mundo da moda. Não é preciso ser famoso para ser adicto (palavra mais adequada para tratar do assunto), podemos ser adictos não apenas em substâncias, mas a qualquer coisa que nos estimule o prazer. Existem pessoas viciadas em compras, sexo e tantas outras coisas. Esse não é o ponto aqui, o que me assusta nesse mundo é como as celebridades são perdoadas pelas suas mazelas, é como que tivessem carta branca perante o público para fazer o que quiserem, como se eles pudessem tudo e qualquer coisa. Ainda me sinto chocada ao lembrar de Winona Rider furtando em uma elegante loja nos Estados Unidos e alegou estar sob efeitos de medicações pesadas! Tem outro fato recente que me deixou sem palavras, a música *Rehab* de Amy Winehouse. Eu não fazia a menor idéia de quem se tratava até começar a ler nas notas de internet sobre sua constante aparição na mídia por uso e abuso de álcool e substâncias ilegais. Foi outro dia que vi o videoclipe dela cantando *Rehab*. Será que sou eu que estou ficando velha demais e chata demais? Careta eu sempre fui e tenho orgulho disso, pois, tenho amigos que lutaram consigo mesmos para sair do mundo nada glamuroso das drogas. Basta perguntar a qualquer um o que é uma reabilitação, ao menos, aos que puderam frequentar uma clínica. Tantos outros morrem por aí, anônimos, perdidos e indigentes. Talvez, devêssemos nos olhar e encarar a nós mesmos com questões profundas sobre que tipo de vida queremos, como podemos melhorar, pois, já é difícil aceitar as mortes terminais e os problemas que vêm com a vida. De qualquer forma, deixo aqui apenas uma reflexão de algo que vem me invadindo pouco a pouco!

as crônicas de sarah connor

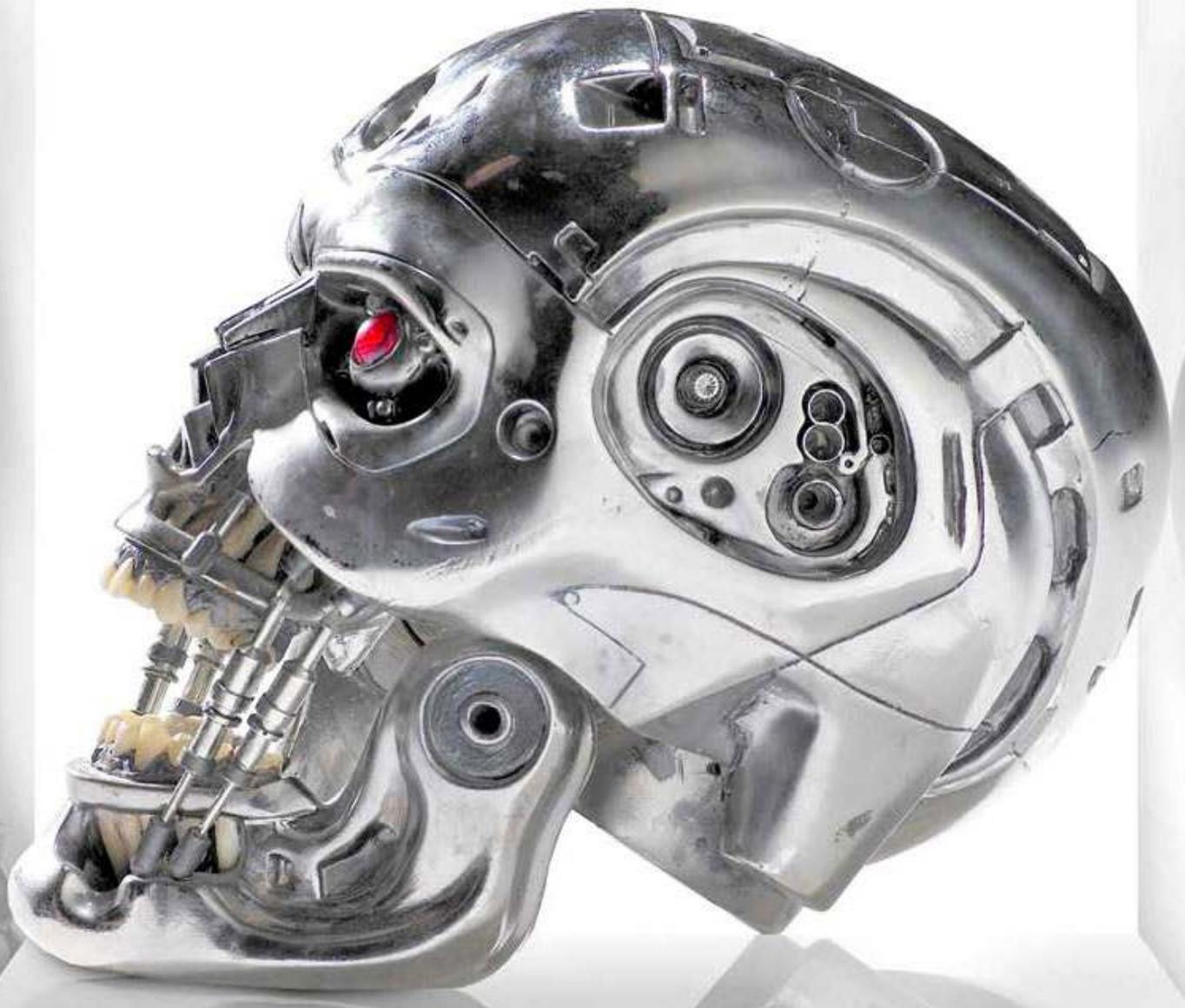
*Seriado com base na
franquia Exterminador
do Futuro agrada
público americano com
robô humanizado e
cenas de ação de encher
os olhos e prender a
respiração.*

Model Name: CAMERON

Part# 4218-B

Activation Date: 9-02-2027

Delivery Date: 1-14-08



O produtor Josh Friedman (Dália Negra e Guerras dos Mundos) é um dos muitos fãs da franquia *Exterminador do Futuro* que detestou o terceiro filme da série. E um dos grandes erros, segundo ele, é que Sarah Connor foi substituída pela namoradinha do filho, John Connor. Logo ela que era o personagem que dava todo o suporte dramático nos filmes. Josh e sua equipe quiseram consertar o problema em forma de seriado de TV onde a maior estrela seria ela, a Sarah, e criaram *Terminator: The Sarah Connor Chronicles*.

Linda Hamilton foi substituída pela premiada atriz inglesa Lena Headey (300). A Sarah Connor de Headey é mais feminina, emocional e humana do que a de Hamilton. Talvez as suavizações de suas características tenham sido uma exigência da FOX para adaptar a história na TV. Não foram mudanças ruins e há de se admitir que a personagem ganhou força ao mostrar que alguém capaz de salvar o mundo também chora, sangra e se desespera. John Connor (Thomas Dekker – Heróis) não é mais o garoto mala rebelde - ok, no caso dele com causa. É um adolescente de 15 anos que sofre com o peso do seu destino. Ao saber que o “Dia do Julgamento” ainda estava de pé, John foi capaz de chorar e implorar para sua mãe tentar mudar o futuro de novo, porque o que ele menos quer é ser o salvador do mundo. É bem verdade que Dekker é fraco para o papel, mas ele até que se esforça.

Como de praxe, eles têm que ser protegidos por um exterminador do futuro. No caso aqui, sai de cena um brutamontes e entra a ciborg com cara de menina Cameron (em homenagem ao diretor dos dois primeiros filmes James Cameron) interpretada de forma genial por Summer Glau (*Firefly*). É a primeira exterminadora que tem um nome e que também consegue esboçar sentimentos humanos. Não que ela os sinta, mas os imita muito bem. Essa dubiedade deixa o público com uma pulga atrás da orelha porque não se sabe quais os seus verdadeiros objetivos. Glau faz todas as cenas de luta, arranca gargalhadas, faz gelar a espinha quando é hora, e de quebra rouba o seriado para si.

A história narrada por Sarah começa em 1999, dois anos depois dos acontecimentos do segundo filme (aquele que o Arnold Schwarzenegger é o exterminador camarada). Ela promete criar seus próprios elementos paralelos à mitologia mostrada no cinema. Seria mais ou menos o que *Smallville* faz em relação ao gibi do Super-Homem. O detalhe é que, a julgar pelos três primeiros episódios, todas as referências estão lá, fiéis, e é obrigatório conhecer os dois filmes em questão para não boiar na história.

Sarah e John são fugitivos e caçados pelo FBI por diversos crimes, em especial pela explosão da Skynet. Até que um belo dia John vai para a nova escola e encontra Cameron sem saber que ela é a sua protetora cibernética. Mas um exterminador do mal o encontra e quase o transforma em peneira se não fosse pela intervenção de Cameron. A vida torna-se um novo inferno e não deixa outra alternativa a Sarah a não ser começar a lutar para modificar as coisas... de novo. Cameron compra a idéia e os leva para oito anos no futuro porque é quando eles teriam uma chance real de evitar o “Dia do Julgamento”.

A produção não deixa nada a desejar, principalmente nos efeitos visuais e maquiagem. Há de se ressaltar que as cenas de ação protagonizadas por Glau e Headey são muito boas. O público norte-americano aprovou *Terminator: The Sarah Connor Chronicles* que estreou em janeiro no lugar de 24 Horas. A audiência foi de 18,3 milhões, considerada excelente. É verdade que o seriado foi beneficiado pela enxurrada de reprises devido à greve dos roteiristas, mas vamos dar a César o que é de César: a estratégia da FOX foi perfeita e o produto é de grande qualidade.

Ainda não há data de estréia de *Terminator: The Sarah Connor Chronicles* no Brasil. Mas a internet está aí para todos.



Sara Connor de Lena Headey

fé na 13

Ao longo de três anos servindo a seleção feminina de vôlei (o ciclo olímpico de Pequim), Sheilla Castro foi a maior pontuadora do time e com frequência a melhor atacante também. Neste ano ela tem dois grandes desafios para frente: ser campeã no campeonato italiano pela primeira vez pelo Pesaro e, o maior desafio de todos, ajudar a nossa seleção a conquistar uma medalha de ouro inédita. Vem aí o 13 da sorte voando para destruir bloqueios e afundar muitas bolas na quadra adversária.

Era um jogo entre o MRV/Minas de Virna contra a Força Olímpica de Leila em Brasília. A partida estava muito disputada e a torcida brasiliense tinha esperança que o time local poderia levar a melhor. E ela procurou fazer a sua parte, transformando o pequeno ginásio num verdadeiro caldeirão para incendiar a Força Olímpica, que era uma equipe mais limitada. Até que o técnico mineiro trocou as opostos (jogadora que geralmente não participa da recepção do saque e tem a função de resolver qualquer pepino no ataque, ou seja, é a "matadora"). Entrou uma garota que nos primeiros lances literalmente voou para atacar uma bola antes da linha dos três metros e a cravou na linha dos três da quadra adversária. A torcida silenciou e a Força Olímpica perdeu ali. Quem lançou tal meteoro foi uma jogadora meio magrela e muito jovem que atende pelo nome de Sheilla Tavares de Castro. Um bom entendido de vôlei percebeu que ali estava um grande talento que precisava ser bem trabalhando. Na verdade, já estava sendo.

Um ano antes, Sheilla havia defendido a seleção brasileira adulta pela primeira vez, aos 18 anos, sob circunstâncias especiais. As principais jogadoras na época boicotaram o então técnico Marco Aurélio Motta. Ele precisou fazer uma renovação forçada e promoveu algumas jovens recém saídas da seleção juvenil para disputar o Mundial de 2002 na Alemanha (torneio mais importante do esporte atrás apenas das olimpíadas). Era um time que também trazia Paula Pequeno, Sassá e a líbero Fabiana, que compõem a seleção atual, mas na época não estavam amadurecidas o suficiente para encarar tal desafio. A sétima colocação foi bem ruim, embora já se esperasse que aquele grupo ficasse fora do pódio. Ainda assim, algumas jogadoras sobressaíram: Marcelle foi a melhor levantadora, Fabiana foi a segunda melhor na recepção e defesa, Paula Pequeno já acenava que sucederia Virna e Ana Moser como a grande atacante de ponta do Brasil. Quanto a Sheilla, bem, foi aquela que saiu do banco para brilhar, e de quebra foi o melhor saque da seleção.

Ela voltou a atuar pelo time nacional em 2005 depois da bela temporada que fez no



foto: FIVB

campeonato italiano. E foi apenas a sua primeira por lá. O fato curioso é que Sheilla assumiu a posição titular em equipes adultas justo no Scavolini Pesaro da Itália, onde joga ao lado da atacante brasileira Mari e tem como diretor técnico, José Roberto Guimarães. Será que o seu estilo de jogo funcionou melhor contra as européias? "Acho que não. Saí do Brasil muito jovem e já tinha participado da seleção adulta, mas ainda não tinha tido a oportunidade de ser titular a temporada toda numa equipe disputando a Superliga. O que aconteceu foi que uma equipe estrangeira me deu oportunidade", disse. "Na época tive propostas de equipes brasileiras, mas resolvi apostar num campeonato mais forte. Jogar na Europa é como jogar contra uma seleção diferente a cada partida, pois tem jogadoras de várias nacionalidades. Algumas equipes têm o estilo europeu mesmo, com bloqueio, saque e ataque pesados. Outras se parecem com times asiáticos, pois defendem bastante e têm muito volume de jogo. O intercâmbio é muito grande".

Intercâmbio danado de bom esse, que proporcionou a ela o crescimento e amadurecimento necessários para ser uma das principais jogadoras da atual geração do vôlei feminino brasileiro. A seleção foi 100% em 2005, e Sheilla levou prêmios individuais de MVP (melhor jogadora) do torneio Valle d'Osta, e MVP e maior pontuadora da World Grand Champions Cup. Em 2006 começou a ser chamada de "fenômeno" pelas colegas de seleção. A brincadeira ganhou as páginas da imprensa, reforçada por outra série de títulos e prêmios por seu ótimo desempenho. No Grand Prix daquele ano, foi a MVP, além de ter sido a 2ª melhor sacadora, a 2ª melhor atacante e a 3ª maior pontuadora. No Mundial, não levou um prêmio individual, mesmo assim foi a melhor sacadora e maior pontuadora da seleção. É ou não é fenomenal? Mas ela parecia ser a única pessoa que

não gostava do título. "Me sentia meio constrangida com isso, apesar de ficar lisonjeada, é claro, por ser comparada ao Ronaldo".

Nem só de glórias viveu a oposto. O ano passado foi complicado para a ela e a seleção feminina, que hoje carrega o incômodo título de "amarelo" por causa, sobretudo, dos vice-campeonatos Mundial e Pan-Americano, e do fracasso no Grand Prix de 2007. O vice na Copa do Mundo até que foi bem vindo porque valeu o carimbo no passaporte para os Jogos Olímpicos de Pequim. É que o time começou a apresentar "apagões" sempre na hora de decidir e ninguém consegue explicar por quê. Até psicóloga foi contratada para integrar a comissão técnica e ver se o problema é resolvido, afinal, essa é considerada umas gerações mais fortes da história e que está sendo desacreditada por uma terrível síndrome de "vice". Títulos têm, é um monte só do Grand Prix (que equivale à Liga Mundial no masculino), mas falta os de peso que seriam principalmente o Mundial e o Olímpico.

Sheilla não quis entrar na polêmica sobre a tal crise e foi direta ao opinar sobre uma psicóloga na equipe. "O que vier para somar é sempre bem vindo". A torcida brasileira espera que tudo possa ser resolvido até agosto, em



Sheilla defende e é assistida por Paula Pequeno. As suas são consideradas as principais atacantes da seleção feminina. Ao lado, com a torcida brasileira no Japão após mais uma vitória.

Pequim, onde as meninas terão de enfrentar equipes que são verdadeiras pedras no sapato, como Rússia, Itália, Estados Unidos, e as donas da casa: a China. "Serão jogos equilibradíssimos e muito difíceis. Todos estão se preparando para fazer uma boa olimpíada e não tem mais adversário bobo. Temos que ficar atentas a todo e qualquer adversário. Mas se quisermos ser campeãs, temos que vencer um por um. Passo a passo. Não existe bicho papão. Temos que fazer o nosso melhor". E se vier Cuba pelo caminho, melhor ainda, né? "Elas nos provocam o tempo todo. Gritam durante os jogos e nos xingam na rede. É uma rivalidade antiga. Vencê-las tem sempre um sabor especial".

Por hora, Sheilla está concentrada mesmo é no campeonato italiano onde o seu time, o Pesaro, tem boas chances de conquistar o título. Ela se sente muito bem atuando na província, como se estivesse em casa. "A cidade é maravilhosa e a estrutura também. Eles fazem de tudo para você se sentir bem e só se preocupar em jogar". E resultado dessa tranquilidade vem em forma de muitos pontos. Desde 2004 ela já acumulou mais de mil e foi a maior pontuadora da temporada 2006/2007. Mas novas medidas em estudo da Federação Internacional de

Vôlei (FIVB) podem tirar Sheilla e/ou outros brasileiros da Europa. Existe uma proposta para limitar para três o número de jogadores pertencentes a outras federações nacionais. A razão é que muitos dos novatos de alguns países têm muitas dificuldades de encontrar espaço nos times da própria federação em razão da "invasão estrangeira". Isso estaria prejudicando a formação de algumas seleções e provocando a saída precoce de jovens talentos de países como o Brasil. Sheilla é contra a nova medida. "Aconteceria uma repatriação forçada e dessa maneira seria bom para a Superliga brasileira e não para os atletas. Muitos teriam que aceitar o salário que lhe oferecessem, pois não existiria competição vinda do exterior".

Ela acredita que a FIVB procura fazer o que for melhor para o vôlei mundial e reconhece que a medida busca desenvolver o esporte em países em que os estrangeiros participam muito dos campeonatos. "Mas o que não pode ser desconsiderado é que são os estrangeiros que fazem o campeonato italiano, por exemplo, ter a audiência e sucesso que tem e ser considerado o melhor do mundo. E, mesmo assim, a Itália tem muitas conquistas no masculino e vêm crescendo a cada ano no feminino. Acho que isso é uma função das federações locais. Por exemplo: no Brasil a Confederação Brasileira de Vôlei não permite o mesmo número de estrangeiros que a Federação Italiana. É uma escolha: o campeonato não é tão forte, mas muitos jovens talentos aparecem a cada ano. A Itália compensa isto com o número de equipes, que é muito maior, tendo inclusive mais de uma divisão".

Independente de polêmicas e questões políticas do esporte, o que se quer ver é o Brasil sempre no alto. Muito se confia na categoria de Sheilla e de tantas outras craques para chegar lá. E se nossa oposito carrega um número de sorte, então coloca fé lá na 13 que ela manda muito bem.



No Scavolini Pesaro, time italiano onde joga ao lado da atacante Mari. Em seguida, com a seleção vice-campeã da Copa do Mundo de 2007 que conquistou uma vaga antecipada para os Jogos Olímpicos de Pequim.